

OLAVO BILAC, O PATRIOTA

JONAS CORREIA

O POETA

O poeta, a pessoa que é poeta de verdade, fala, escreve ou age sob o influxo da poesia, que se reveste de essência divina e, por isso, se torna eterna. Bilac, lídimo poeta, apenas poeta em tôdas as modalidades, sentidos e atitudes, desfrutou uma existência maravilhosa, e nos legou uma mensagem que tanto mais se atualiza quanto mais os tempos correm sobre os seus próprios filhos. Impossível disjungir o poeta do patriota, em tal maneira se fundem e confundem a sensibilidade de um na espiritualidade do outro. Ele mesmo não se inculcava outro título, — cioso, orgulhoso ou consciente da esplêndida projeção do seu gênio poético, em tôda a sua Pátria, em Portugal, nas Américas do Sul e Central. Aos estudantes de medicina de São Paulo, (14.X.915) exortava: "... vejo-me como estudante e poeta, como vós..."; "Falo-vos, como poeta...". Ao empossar-se na Academia das Ciências de Lisboa, (30.III.916), dirigindo-se à intelectualidade portuguêsa, modestizava-se, mas declarando: "Não condecorais propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja única virtude é a sinceridade." Pouco antes, na homenagem que lhe prestara o Exército Brasileiro, (6.XI.915), recusava batismos, que entretanto merecera, de apóstolo, de sociólogo e de filósofo. E se afirmava, num convencimento referto de humildade: "Sou, apenas, poeta; e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo."

Olavo Bilac — o poeta, o patriota, o professor de entusiasmo! Quanta coisa bela nos foi legada por seu gênio criador, vencendo a temporalidade terreal, — porque nimbada da condição celeste que só os poetas merecem e recebem de Deus. A sua trilha luminosa iremos percorrê-la com a intenção de pôr em relevo a nitidez das **verdades que pregou e apregoou**, a autenticidade da sua devocão, a permanência do sentido nacional **do seu verbo**, que tomou o poeta de sobressaltos e fê-lo consumir-se nos arroubos e febres do seu patriotismo, que contagiou para sempre o Brasil.

O PATRIOTA

Já transcorreu o centenário do seu nascimento (16.XII.865); dentro de poucos dias ocorrerá o cinqüentenário da sua morte pre-

N. R. — Conferência realizada pelo General-Professor Jonas Correia, sob os auspícios da Diretoria do Serviço Militar, na Associação **Otium Cum Dignitate**, em 16 de dezembro (1968), Dia do Reservista, homenageando seu Patrono, o poeta Olavo Bilac.

matura. E tem sido diminuta, ainda, a literatura bio-bibliográfica em torno da figura a um tempo humana e mental daquele que foi, segundo Agripino Grieco, "um doador de muitas festas magníficas para a nossa inteligência".

Dentre os mais seguros excogitadores da personalidade de Olavo Bilac, devemos ater-nos a três nomes e obras, que mais proximamente se encontram das nossas inclinações e do nosso juízo. Admirados amigos, criteriosamente independentes e dotados daquela simpatia esclarecida, sem a qual é difícil julgar e quase impossível sentenciar, — Melo Nóbrega, em 1939, editou um ensaio sobre o poeta, o qual merecera premiado pela Academia Brasileira de Letras; Afonso de Carvalho procedeu, em 1942, a uma análise da vida e da obra do parnasiano, de todo em todo apreciável e aliciante; e Elói Pontes, em 1944, para nos apresentar a vida exuberante de Olavo Bilac, teve de fazê-lo, ressaltando a obra do vate, do meio e da época nacionais, que se iniciaram em 1879, e decorreram até 1930, mais ou menos.

Fomos amigo e admirador de Elói Pontes, com quem pouco antes da viagem eterna, (4.II.967), discreteamos, em pleno verão carioca, ali na Cinelândia. Nossa amizade adquiriu consistência recíproca na Câmara dos Deputados, de cuja Biblioteca, rica e opulenta, era él o Diretor, e eu, então Deputado Federal, (1946-1950), freqüentador assíduo. Não foram poucas nem breves as conversas que entretivemos, sobre temas culturais. Lembramo-nos de que, certa vez, lhe dissemos, para espanto seu, que faltava um capítulo à sua obra tão louvada, biografando o poeta, a qual, mais apropriadamente deveria intitular-se "Olavo Bilac e seu tempo", a exemplo da Matthew Josephson que escreveu "Zola and his time", de que Godofredo Rangel nos deu ótima tradução.

Sim, insistimos, um capítulo sobre "Bilac — o patriota".

Elói era tido como homem de esquerda, indefinido ou indefinível, e fechou-se imediatamente, no casulo das suas cogitações. Percebemos que talvez o houvessemos desagradado, e a palavra se deteve por ali. Dias depois, él mesmo nos provocava, esclarecendo que na sua obra tratara do poeta e do serviço militar, mas não como soldado, que preexcelesse (*) o assunto, que o não considerava importante na vida de Bilac, nem no seu livro. *Demos-lhos por satisfeitos.*

(*) A Redação solicitou do Autor, como filólogo, esclarecer este neologismo. Eis a resposta. I) Exceler (ou excelir) do latim *excellere*, já não é verbo pouco usado, e é de regência variada. Significa exceder; avantajar-se; distinguir-se; extremar-se; ser excelente; considerar excelente. II) O verbo **PREEXCELER**, que neologizamos, aqui é transitivo direto e se traduz, claro, por considerar muito excelente. E a inteligência da oração é "... que (o qual soldado) considerasse o assunto muito excelente...". III) Preexceler: pre + exceler. O prefixo latino *pre*, entre pelo menos seis acepções, exprime aumento, como em predomínio, preexcente, preexcelso e preexceler. IV) Rui empregou excelir (exceler) com transitividade indireta: "... os que vêm a excelir sobre os seus conjuízes...", isto é, "... os que vêm a ser excelentes (ou extremar-se) sobre os seus conjuízes...".

Importava respeitar os critérios do biógrafo. Mas hoje, tantos anos passados, voltamos à matéria, como homenagem àquele amigo ilustre, e reafirmação do nosso reparo.

No estudo em que focalizou tão ampla e documentadamente a caminhada de Olavo Bilac, neste mundo, vemos que Elói frisa o que de psicológico é reconhecível, e é a marca da influência dos sentimentos militares na vida e na ação do poeta Olavo Bilac. Em vários capítulos, citando "Contos Pátrios" e referindo-se a Caxias e Osório, o biografista dá a impressão de estar também influenciado, marcialmente... Já ao terminar a obra, deixa escapar: "Olavo Bilac é patriota e observador. Sente que seremos transformados em meros tributários dos povos fortes, se não nos acautelarmos. O poeta sempre manteve grande admiração pelas glórias militares. Dos heroismos ficam-lhe entusiasmos indeléveis. Dos sacrifícios também." Bilac vem surgindo assim, intelectual e vibrátil, de dentro das páginas que Elói compendia, num esforço vitorioso de independência e imparcialidade. Quando se inaugurou o forte de Imbuí (1907), Bilac escreve uma crônica, elogiando o evento; elogia, também, as atividades do Exército e da Armada, em manobras; estranha a frieza dos brasileiros, diante das grandes datas históricas, contrastando com os entusiasmos das colônias italiana, francesa, alemã e britânica; recomenda a prática educacional dos exercícios físicos... E, assim, chega-se a 1915. Bilac "aceita o mandato de propagandista do serviço militar compulsório. Em 1916, com uma série de conferências, percorre as cidades principais, dizendo, entre outras coisas, que urge armar o Brasil. Armá-lo e defendê-lo. As alegações de militarismo, retruca que, quando todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo de soldado; porque seria infantil e irrisório que todos os cidadãos tivessem medo de si mesmos, das sombras de si mesmos".

Mais uma conferência de Elói: "O prestígio intelectual de Olavo Bilac cresce, a esse tempo. Com o espetáculo da Guerra Européia (1914-1918), instigado por amigos, empenha-se na campanha de propaganda do serviço militar compulsório."

E aqui se detém o notável biógrafo sobre o tema que empolgou Olavo Bilac. Teria escrito mais um, talvez dois capítulos, aprofundando o significado e o esplendor das teses, com que Bilac, através de discursos e conferências, siderou e comoveu, ontem como ainda hoje, a opinião pública do país, capaz de reagir favoravelmente às solicitações dos autênticos interesses da Pátria.

Elói não apreendeu, — e nunca pudemos captar a razão dessa omissão —, que Bilac haveria de completar o ciclo de sua vida, durante a parte principal dela, a partir de 1915, dedicando-se inteiramente à edificação nacional, sob o ponto de vista cívico e patriótico. Já Melo Nóbrega lhe dedica um capítulo, tecido de aprovação e elogio; e Afonso de Carvalho lhe consagra toda uma parte do seu recomendável paginário.

PATRIOTA E EDUCADOR

As matrizes da psicologia de Olavo Bilac estão na guerra, conceituada de forma ampla, desmedida, total. Bilac nasceu sob o signo da guerra. O pai esteve na guerra. A mãe sofreria por causa da guerra. E ele morreria mal vendo o fim da grande guerra de 1914-1918! Entretanto, não foi um soldado; foi, sim, um grande, perfeito, extraordinário poeta. Poeta e patriota; patriota e professor de entusiasmo!

Desde cedo, ele, — que foi precursor de uma campanha de alfabetização das nossas massas, com o fim de premuni-las contra os perigos das correntes imigratórias, que aqui se instalavam com suas *línguas, religiões, profissões e seus costumes e hábitos*, — bate-se, na imprensa e na tribuna das conferências pelo surgimento de uma consciência de nacionalidade, que fôsse um motivo ou critério de afirmação nacional. Assim, era um pregador admirável de virtudes morais, informando nossas vidas, desde os verdes anos. O educador vivia nêle, como o calor na luz do sol. Além do que, ele próprio, era um exemplo ambulante. Quando rapazinho do Colégio Militar, cruzávamos com Olavo Bilac, nas calçadas da Avenida Rio Branco, isso para nós era uma festa e um prêmio: Olavo Bilac! Exclamávamos, como se o mestre dos nossos corações nos transportasse a regiões miríficas. Em tertúlias, na sociedade literária do nosso conceituado educandário, relíamos em voz alta os discursos da campanha que Bilac empreendera em prol do serviço militar, os quais a revista “A Defesa Nacional” divulgara, — e cada um de nós se sentia um outro Bilac, a levar esperanças e certezas aos irmãos brasileiros.

O patriotismo do poeta começou educando. Esta é a melhor maneira de ser patriota: amando e falando às almas e aos corações dos seres de todas as idades. Dois livros, principalmente, dão-lhe a medida da capacidade de educar, da aptidão construtiva, sob o ponto de vista ético: um, de versos de sua autoria, “Poesias Infantis”; outro, “Contos Pátrios”, de parceria com o fraterno companheiro de vida intelectual, Coelho Neto, o imenso romancista de “Turbilhão” e “A Conquista”.

A poesia didática é um gênero difícil, melhor diríamos dificílimo, porque, se não fôr manejada por um autêntico talento poético, descambará irrecorriavelmente para a chulice e o enfadonho. Bilac, ele mesmo declara haver-se esforçado por escrever num estilo que refugisse ao fútil. Conseguindo-o, ainda hoje o temos cantando na memória como viva de quantos, crianças há anos passados e adultos de agora, guardamos de cor os seus poemas sentimentalmente claros e sentenciosos, através de belas parábolas, e apólogos, muitas vezes gnônicos. É tão forte, tão impressiva, tão influente a sua poesia que, ao selecionar algumas, para gáudio e doutrina de quantos nos ouvem, ou vierem a ler, podemos fruir a ventura de um quadro doméstico,

muito comum nas famílias brasileiras. Começamos de ler para a netinha atenta e curiosa a história adorável de *Plutão*. Os versos, em redondilha maior, embalavam e seduziam. Pois bem, a última quadra foi-nos recitada pela filha, que a sabia ainda, desde os tempos escolares:

“Negro, com os olhos em brasa,
Bom, fiel e brincalhão,
Era a alegria da casa
O corajoso Plutão.

Fortíssimo, ágil no salto,
Era o terror dos caminhos,
E duas vezes mais alto
Do que o seu dono, Carlinhos.

.....

Um dia caiu doente
Carlinhos... Junto ao colchão
Vivia constantemente
Triste e abatido, o Plutão.

.....

Foram um dia à procura
Dêle. E, esticado no chão,
Junto de uma sepultura,
Acharam morto o Plutão.”

Tão férteis são os campos, as áreas morais em que se podem semear os ensinamentos de Bilac, através da poesia didática, a um tempo, natural e culta, que na verdade tôdas cabem nas mentes, nas almas e nos corações das crianças, dos rapazes e mocinhas, dos brotos e coroas, dos senhores e senhoras dos pais e das mães, dos avôs e das avós.

Quem não se recorda do apólogo admirável de “O Pássaro cativo”?

Vale a pena recitá-lo, ainda uma vez:

“Armas, num galho de árvore, o alçapão;
E, em breve, uma avezinha descuidada,
Batendo as asas, cai na escravidão.

Dás-lhe, então, por esplêndida morada
A gaiola doirada;
Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e tudo:
Por que é que, tendo tudo, há-de ficar
O passarinho mudo,
Arrepiado e triste, sem cantar ?

É que, criança, os pássaros não falam
Só gorgéando a sua dor exalam,
Sem que os homens os possam entender;

Se os pássaros falassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este cativo pássaro dizer:

Não quero o teu alpiste!
Gosto mais do alimento que procuro
Na mata livre em que a voar me viste:
Tenho água fresca num recanto escuro
Da selva em que nasci,
Da mata entre os verdores,
Tenho frutas e flôres,
Sem precisar de ti!
Não quero a tua esplêndida gaiola!
Pois nenhuma riqueza me consola
De haver perdido aquilo que perdi...
Prefiro o ninho humilde, construído
De fôlhas sécas, plácido, e escondido
Entre os galhos das árvores amigas...
Solta-me ao vento e ao sol!
Com que direito à escravidão me obrigas?
Quero saudar as pompas do arrebol!
Quero, ao cair da tarde,
Entoar minhas tristíssimas cantigas!
Por que me prendes? Solta-me, covarde!
Deus me deu por gaiola a imensidão:
Não me roubes a minha liberdade...
Quero voar! Voar!...

Estas coisas o pássaro diria,
Se pudesse falar.

E a tua alma, criança, tremeria,

Vendo tanta infiçāo:

E a tua mão, tremendo, lhe abriria
A porta da prisão..."

A guerra, em Bilac, era uma mistura de idéia e de sentimento, de sentimento obsessivo. E da guerra, ele, por isso mesmo, procura tirar as razões e os motivos de suas prédicas, concitando tudo e

todos ao trabalho de evitá-la. Na poesia *O Avô* está presente esta determinação:

“Éste, que, desde a sua mocidade,
Penou, suou, sofreu, cavando a terra,
Foi robusto e valente, e, em outra idade,
Servindo a Pátria, conheceu a guerra.

Combatteu, viu a morte, e foi ferido;
e, abandonando a carabina e a espada,
Veio, depois do seu dever cumprido,
Tratar das terras, e empunhar a enxada.

Hoje, a custo somente move os passos...
Tem os cabelos brancos; não tem dentes...
Porém remoça, quando tem nos braços
Os dois netos queridos e inocentes.

Conta-lhes os seus anos de alegria,
Os dias de perigos e de glórias,
As bandeiras voando, a artilharia
Retumbando, e as batalhas, e as vitórias...

E fica alegre, quando vê que os netos,
Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,
Batem palmas, extáticos e inquietos,
Amando a Pátria sem temer a morte!”

Deus, espírito de suprema força e influência, preside nos nossos lares a todos os atos bons que praticamos, e perdoa a todos os maus. Daí, ter escrito o nosso José do Patrocínio que “tirar Deus da consciência humana é o mesmo que tirar o sol do sistema planetário!” Casimiro de Abreu o mavioso poeta romântico, alegorizou, num diálogo entre mãe e filho, à beira-mar, a idéia de Deus, “maior que o mar, mais forte que o tufão, um ser que não vemos”. Pois, Bilac põe na bôca e no sentimento de um menino todo um tratado de filosofia. É o poemeto *Deus*:

“Para experimentar Otávio, o mestre
Diz: Já que tudo sabe, venha cá!

Diga em que ponto da extensão terrestre,
Ou da extensão celeste Deus está!”

Por um momento apenas, fica mudo
Otávio, e logo esta resposta dá:

“Eu, senhor mestre, lhe daria tudo,
Se me dissesse onde é que ele não está!”

Num convite aos meninos, no sentido de amar, cultuar as árvores, Bilac lhes diz por quê, num soneto que, levemente acepilhado, incluiria também em *Poesias*, volume em que enfeixou a sua produção poética, e cujas edições se sucedem como prova de que o povo continua a ler, a admirar, e a amar o seu poeta. Poeta e intérprete, como neste soneto, — *As velhas árvores*, que é um canto intemporal:

“Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores môças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E a alegria das aves tagarelas

Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem.

Na glória da alegria e de bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consólo aos que padecem!”

O patriota extravasa todo o seu amor pelo Brasil, fazendo vibrar o engenho poético, com que Deus o dotou, em poesias magníficas. Na infância, aprerídemos a recitar *A Pátria*:

“Ama com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como êste!
Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!

Que natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um selo de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos,

Que balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera,
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, a enriquece!

Criança! Não verás nenhum país como êste:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!”

Mais tarde, decoramos os quatorze alexandrinos de *O Brasil*, com os quais o vate descerra para o descobridor o painel de esplendores da nova terra:

“Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em carícias se muda a inclemência das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz afeita às blasfêmias e às pragas,
Ó nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
Os dois seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe à pele doirada
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!
E farta-te do amor nessa carne cheirosa,
Ó desvirginador da Terra Brasileira!”

Do conhecimento e amizade com Afonso Arinos, em Minas Gerais, acha Alceu Amoroso Lima que despertou em Olavo Bilac o patriota, seguido de um duplo sentimento, que dominaria, a partir dos trinta anos de idade, a sua vida e a sua obra: o nacionalismo e o tradicionalismo, que ele fundiria numa sentença única, ao agradecer, na Academia das Ciências de Lisboa, a eleição de sócio: “Em verdade, o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha pátria se orgulhe da sua história.”

Melo Nóbrega diz, numa página superiormente conceituada, que o patriotismo de Bilac não foi sentimento improvisado. Salientando que a obra bilaquiana transuda sentimento pátrio, observa que o nacionalismo do poeta não é temático, mas infiltra todos os motivos, embebe as imagens, escande os ritmos, sonoriza as rimas. É que, ainda escrevendo prosa, Bilac era sempre o poeta, como neste passo, em que preconiza a pátria una, coesa: “Sejamos todos brasileiros sinceros e patriotas: é quanto basta! Só não compreendemos nem aceitamos os anarquistas sem fé, os negativistas da necessidade da pátria... Venham para nós todos os brasileiros que sintam dentro dos seus peitos o Brasil!”

A propósito, ouvimos, faz alguns dias, o nosso caro e ilustre amigo David Násser, lamentando a escassez de civismo em certa camada social, proclamar enérgicamente: “Quem quiser ser brasileiro que sinta orgulho de sua pátria, em todos os sentidos!”

Foi possuído dêsses sentimentos, que temperava com os critérios da cultura e da inteligência, que Olavo Bilac pôde escrever tão ricas e belas páginas nos *Contos Pátrios*, e depois excitar a alma nacional, segundo ainda Melo Nóbrega, "saindo pelo país inteiro a pregar redenção e semear esperança", entre 1915 e 1918.

Aos *Contos Pátrios*, em que se surpreendem passagens autobiográficas, Elói Pontes algumas vezes recorre para explicar e mesmo interpretar certas facetas da psicologia bilaquiana. É um livro admirável! O continho *A Pátria* é um poema aos imponderáveis da vocação: pois, filhos e netos iriam seguir a carreira das armas. Em *O Recruta*, conta Bilac a breve história de Anselmo, um convocado que terminou amando conscientemente a bandeira e a Pátria, "cuja idéia sagrada se apresentou, nítida e bela, diante da sua alma de soldado, que compreendia, agora, que a sua vida valia menos que a honra da sua Nação!" Quando escreveu *O Bandeirante*, resumindo a façanha de Fernão Dias Pais Leme (sic), Bilac estava-se antecipando ao incomparável poema épico que intitularia "O Caçador de Esmeraldas", e que sairia dêsses contos, como o livro encantador que é *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, teria por embrião o conto *Civilização*.

Essa obra mereceu sempre um grande relêvo na nossa literatura infantil, fértil em trabalhos que concorrem para a boa formação educacional dos jovens patrícios. Ainda nos dias correntes, *Contos Pátrios* tem grande voga, por evidentes merecimentos intrínsecos. Lemos da insigne novelista e cronista brasileira, a senhora Raquel de Queiroz, que sabia "que ela era exacerbadamente cearense, mas que, após a leitura de "Contos Pátrios", descobriu, deslumbrada, que era também brasileira!"

Olavo Bilac ainda não tivera o seu momento nacional, que desse refúlgencia e imortalidade ao seu gênio criador. Era verdade que escrevera o *Hino à Bandeira Nacional*, versos tocantes e solenes, sempre cantado por todos os brasileiros. Mas um assunto nacional, que lhe excitasse tôdas as fôrças fecundas do pensamento, como Gonçalves Dias teve o indianismo, e produziu *I-Juca-pirama*, e Castro Alves, a abolição da escravatura, e escreveu *Navio Negreiro e Vozes d'África*, — isso ainda não lhe sobreviera. Até que as repercuções da Primeira Grande Guerra, de 1914-1918, chegaram a sacudir o Brasil e a alertá-lo para os cuidados com a sua defesa, sob o ponto de vista militar. Então, Bilac agiganta-se apostolizando em favor da execução da lei do Serviço Militar obrigatório!

A campanha, de âmbito nacional, ganhou corpo e intensidade. Em 9 de outubro de 1915, Bilac toca a rebate, na Faculdade de Direito de São Paulo, e a mocidade acolhe a sua palavra e toma-a como um guia precioso, que visava à "definitiva constituição da nossa nacionalidade". Seguiu-se uma rumorosa série de discursos e conferências,

nas escolas e quartéis. Olavo Bilac havia encontrado o seu motivo nacional — e ei-lo vitorioso e imortal! O que foi essa campanha maravilhosa e árdua, está registrada na sua obra “Últimas Conferências e Discursos”, por onde se pode percorrer o mesmo itinerário do poeta, vivendo os lúcidos momentos em que a nação soube corresponder aos anseios do seu Poeta, que pregava por sua segurança e defesa. Em plena atividade, Bilac leu a sua *Oração à Bandeira*, ali no Batalhão Naval, no dia 19 de novembro de 1915. Foi um êxito absoluto! O texto passou a comover o país, do norte ao sul: “Bendita sejas para todo o sempre, bandeira do Brasil”, era a oração do credo e da confiança, que Olavo Bilac disseminava.

Mais de dez lustros se passaram sobre os momentos significativos da exaustiva pregação do poeta, que mostrava nações a entredoverar-se, e outras ameaçadas na sua soberania. Era preciso, urgia mesmo, cuidar da defesa nacional, interna e externamente: e isto era, precisamente, o fim, a razão, o destino do apostolado do poeta. Todos os avisos, tôdas as advertências, todos os conselhos, — foram lançados à consciência pátria, que deu apoio à campanha e transformou-a em esplêndida realidade, passando a cuidar de sua segurança, — por que, em 1915, como em 1968, usando ainda palavras de Raquel de Queiroz, “neste mundo feroz, até para ser pacifista, a gente tem de aprender a brigar, — pior, tem de viver de armas na mão!”

Olavo Bilac se tornava, assim, qual se diria hoje, um poeta participante, “que se entregava com entusiasmo a campanhas cívicas, a lutas democratizantes”, como acentua o brilhante polígrafo Antônio Olinto.

PRESENÇA DE OLAVO BILAC

Há cinqüenta anos, falecia Olavo Bilac, nesta cidade do Rio de Janeiro, que lhe foi berço, e onde o seu gênio esplendeu com luminosa pujança. A nossa geração, que o admirou e amou, vibrava à leitura dos seus versos, os mais belos e perfeitos que já se escreveram em língua portuguêsa, falada no Brasil, — e dos seus discursos persuasivos e altiloquentes, com que fêz estremecer todo o país, evangelizando a execução da lei que tornava obrigatório o serviço militar.

Não chegou a ver a edição do livro da maturidade do seu espírito harmonioso, *Tarde*, em que o soneto *Pátria* é um preconício dos seus exaltados e orgulhosos sentimentos de brasiliade:

“Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Círculo! E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde
 Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
 Do fruto a amadurecer que em teu seio se esconde,
 De ti —, rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
 No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
 E eu, morto, sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
 E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
 Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!

Mas chegou a perceber e sentir os resultados da pregação cívica, que iniciara em 9 de outubro de 1915, junto aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo: "Que é o serviço militar generalizado? — É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão."

Tôda a nação palpou de entusiasmo, ouvindo a voz conclamatória do seu nobre e maior poeta, que, desde 1904, pugnava contra a dilatação, entre nós, "do império da ignorância e da irresponsabilidade"! O mundo estava em guerra, pois a Europa era palco da tremenda refrega bélica, que durou de agosto de 1914 a novembro de 1918. Então, começou-se a pensar em termos de defesa nacional, criando-se um estado de alerta psicológico, e convocando-se todos os brasileiros para a preservação da Pátria, ameaçada sempre possivelmente pela cobiça dos povos imperialistas. Olavo Bilac foi o campeão vitorioso, o centro de irradiação dessa campanha meritória, que ajudou o Brasil a continuar de pé e inatingido pela cupidez dos expansionistas, armados ou não.

Empolgado pela missão de esclarecer seus compatriotas, Bilac todo se deu à intensidade sobre-humana de um apostolado cívico, que certamente lhe terá abreviado os dias, mas que lhe trouxe a invejável glória de realizar, no momento oportuno, a obra de consolidar a segurança nacional, com a implantação do serviço militar obrigatório. Para que eternamente seja isto lembrado, comemora-se a 16 de dezembro, genetíaco do poeta, o dia do nosso Reservista!

Segurança nacional — significa preparação do povo em geral, técnica e espiritualmente, para enfrentar a guerra — convencional, revolucionária, nuclear. Assim, deve-se ter presente que as condições de ordem política, econômica, financeira, psicossocial, religiosa, racial, cultural, trabalhista, — deverão informar e alimentar o sentido militar de segurança nacional. No mundo moderno, qualquer descuido ou concessão, a êste respeito, poderá implicar a perda, a supressão da nacionalidade!

É básico para a segurança nacional o serviço militar obrigatório, que tem por fim prover as nossas fôrças armadas do pessoal de que necessitam para as suas atividades diversificadas, específicas, complexas. É regular, periódica, anual a realização desse serviço, por cujo intermédio se criam e formam as reservas, conjuntos de soldados, marinheiros e aeronautas, dos quais a nação se valerá, nas horas de perigo ou de luta empenhada. Em face da problemática da guerra moderna, é imperiosa a constituição de reservas militares, aptas a atender ao apelo nacional de entrada em ação de guerra.

Mas nosso país não dispõe ainda de recursos orçamentários capazes de custear uma fôrça armada correspondente ou proporcional à sua população e ao seu território. Assim é que menos de metade, apenas, de jovens conscritos, anualmente, presta o serviço militar obrigatório e universal.

Entretanto, para obviar patriótica e devotadamente essa deficiência, de que ninguém tem culpa, — nos meios civis e militares se vem desenvolvendo um intenso trabalho de instrução e convencimento em torno da segurança nacional, pois a guerra, — nuclear, revolucionária, ou convencional, repita-se, — quando eclode, acarreta consequências catastróficas para os povos inadvertidos e desatentos à sua segurança que, afinal, é tanto militar quanto civil, na extensa, lata, generalizada acepção do termo.

Bilac apreendeu êste sentido amplo do problema e consagrou-se a uma pregação unívoca e nacional do serviço militar: por isso é que logrou êxito!

Dizia êle, um intelectual civil e da maior fama, dirigindo-se aos militares, no Clube Militar: “Se praticastes erros, também os praticamos nós, os civis. Se desseis erros comuns nasceu o funesto divórcio, que separou durante tantos anos o elemento civil e o elemento militar, nasça agora, da confissão e da reparação de todos os desvios e de tôdas as faltas, um consórcio firme e perpétuo.”

Como são atuais estas palavras e êstes sentimentos!

Sem temer o espantalho do militarismo, de que a estratocracia seria a expressão política, Olavo Bilac interpretava os anseios civis de tôda a nação, dirigindo-se aos paulistas: “...o quartel não é mais estufa abafada, em que os corpos se estiolem, prisão vergonhosa em que o amor próprio feneça, degrêdo aviltante em que a dignidade se rebaixe. Já todos sabem que o alojamento militar é escola, ginásio e oficina. Vi os sorteados contentes e orgulhosos, obedecendo aos oficiais, não como reses obedecem a pastores, mas como almas que escutam outras almas, como homens disciplinados que aprendem com os seus irmãos mais velhos.”

Já no centro de formação de professôres da capital bandeirante, havia imaginado a Pátria exortando o mestre, com estas palavras que

emblemam um conceito tão próvido, tão penetrante, tão oportuno, que merece realce e grifo: "O professor, quando professa, já não é um homem: él é a Pátria." Esta lhe diz: "És o representante direto da minha força e da minha necessidade; hás de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil; hás de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturalados e pérfidos. Eleva-te a este caráter divino, para que sejas um criador e não um destruidor, — um gerador de patriotas, e não um formador de anarquistas"!

[Bilac é, por tudo isto, uma voz nacional, atuante, permanente e eterna!

AVISO IMPORTANTE

Aos Srs. Assinantes:

1. O valor da assinatura a partir de 1969 (NCr\$ 5,00), não mais será descontado em fôlha, devendo ser remetido diretamente à Redação, mediante cheque, pelo assinante.
2. A revista publicará, em cada número, a relação dos que remeteram aquela importância, valendo essa transcrição como recibo para o interessado.
3. Se até a distribuição do 2.º número subsequente à data da remessa da importância não fôr publicado o nome do assinante, solicitamos ao interessado informar-nos com a maior brevidade, a fim de que sejam tomadas as medidas necessárias.
4. Aquêles que o desejarem, poderão efetuar o pagamento diretamente na Redação, sendo o recibo passado conforme o n.º 2 acima.
5. Encarecemos a todos, a necessidade de manterem atualizados seus endereços a fim de que não haja retardo ou extravio na expedição dos exemplares e a Direção da revista possa alcançar o objetivo visado com a publicação d'este Aviso.